

ENTREVISTA CONCEDIDA PELO MINISTRO DA DEFESA, JAQUES WAGNER, AO JORNALISTA MÁRIO SÉRGIO CONTI

Veiculada em 23 de abril de 2015 no programa Diálogos - GloboNews

Degração da íntegra da entrevista:

Mário Sérgio Conti: Olá, bem vindos ao programa Diálogos. O entrevistado dessa noite é um negociador habilidoso, um homem que dá nó em pingo d'água e é sempre chamado para missões difíceis e delicadas. Ele fez sua carreira política na Bahia e em Brasília é um importante colaborador da Presidente Dilma Rousseff.

Então temos aqui Jaques Wagner que veio especialmente de Brasília para dar essa entrevista. Obrigado por ter vindo. Ministro, negociador habilidoso, o que é essa crise?

Ministro Jaques Wagner: Esse é um momento de tensão após uma eleição muito dura, muito disputada com uma diferença pequena, portanto eu diria que ela própria já tencionou durante a campanha, talvez até a possibilidade de ter uma disputa mais acirrada, teve muita tensão e evidentemente agora no começo do governo, pela questão da necessidade do ajuste fiscal é sempre melhor trabalhar na zona de conforto do que trabalhar no aperto orçamentário. Então é sempre mais difícil o próprio exercício da política quando você tem restrição orçamentária e a questão das investigações que estão acontecendo que evidentemente deixa as pessoas perplexas, entristecidas com o que está acontecendo e algumas até com raiva do que está acontecendo. Então, eu diria que você tem três fatores basicamente que contribuem para isso, mas eu acredito que a gente já está em uma fase de ir apontando o caminho, a investigação já segue seu curso normal como tem que acontecer no judiciário, Ministério Público e a Polícia Federal, o Supremo vai entrar também investigando quem tem prerrogativa de foro, mas as coisas estão saindo, as pessoas estão sendo condenadas, a investigação está terminando e chega a um ponto em que chega ao final. Na área da política, eu que acompanho o núcleo político, agora com a chegada do vice-presidente Michel para essa tarefa que também é muito habilidoso, três vezes presidente do congresso, eu diria que as abóboras estão se ajeitando na caminhada do caminhão. Então acho que a gente já está com um ambiente melhor de diálogo com os partidos. A presidenta tem chamado os partidos e as lideranças e na economia eu creio que a gente vai conseguir aprovar o ajuste no congresso, estica para lá, puxa para cá que é normal na negociação do congresso, mas eu sinto que há um compromisso de todo mundo de perceber que o ajuste não é um fim, e sim meio, é uma necessidade até para a gente poder manter um controle macro econômico e a economia voltar a crescer.

Mário Sérgio Conti: A presidente abdicou de um certo poder? Vamos dizer que na área política é o Michel Temer, Congresso e Senado também é o PMDB, na área econômica Joaquim Levy que poderia ser ministro dos tucanos também. Houve uma abdicação consciente do poder por parte da presidente ou do PT?

Ministro Jaques Wagner: Eu acho que houve um compartilhamento e acho que não tem outra forma de governar, você não se elege sozinho, você se elege com outros partidos e compartilha ônus e bônus. Então, na verdade, eu acho que não é questão de abrir mão de poder. Eu fui governador do estado durante 8 anos e o presidente da assembleia era do PSDB e depois migrou para o PDT e era

uma conversa que eu tinha com o próprio PT. Eu dizia “olha, nós já estamos no executivo então é preciso que os aliados também ocupem seus espaços”, quando você ocupa espaço você se sente mais responsável por tocar o governo. Então eu não considero que é abrir mão, acho que é uma visão correta de que no formato brasileiro de governo de coalizão ou você compartilha ou não tem ninguém que reina sozinho.

Mário Sérgio Conti: Mas esse presidencialismo de coalizão não está em crise? Ele também não é um dos motivos de nós termos chegado a essa situação no Brasil?

Ministro Jaques Wagner: A crise, na minha opinião, e essa se a gente não conseguir superar com todo esse trauma das investigações, é a crise da reforma política, eu não vejo outro caminho. Se nós não fizermos reforma política vamos ficar tomando susto de 2 em 2 anos e eu não estou falando de reforma política de 10, 15 itens. Eu acho que você tem que falar do fim da coligação proporcional que só tem no Brasil e aí pelo que eu sei tem acordo dos grandes partidos PT, PMDB, o próprio PSDB, o próprio PSD, então esse é um ponto. O segundo é limitar evidentemente ou proibir completamente o financiamento privado de campanha estabelecendo limites menores para essa contribuição. Acabar com o mercado do tempo de televisão. O tempo de televisão é proporcional ao número de deputados em cada partido se ele vai usar, se o partido não vai usar, ele não pode colocar isso como moeda de troca dentro de uma composição. Aí se ele não tem candidato, ou ao cargo principal ou a vice, eu creio que ele tem que entregar esse tempo ao bolo geral que vai ser dividido. Então, são 3 ou 4 coisas, e diminuir evidentemente o custo de campanha. Tem uma ideia que eu sei que também está na cabeça de gente do PSDB que eu acho super razoável. Acabar com aquele programa de TV bloqueado e ficar só com anúncios de 30 segundos e um minuto, que eu acho que isso reduziria muito os custos.

Mário Sérgio Conti: É, está certo, isso é muito discutido, mas é um passe de mágica. Em julho de 2013 nas grandes manifestações a presidente veio falando de reforma política e na campanha novamente “sem reforma política não vai” e agora falou de novo, mas não se tem um projeto coerente do executivo de falar “olha, vamos fazer esses 4 itens, tal projeto de lei, isso dá para fazer por lei ordinária”. Enfim, não se vê, é sempre um espantalho, mas não se vai adiante.

Ministro Jaques Wagner: Na verdade, muita gente acha que nunca será feita reforma política porque quem compõe o Congresso Nacional foi eleito com essa regra atual, mas eu acho que se houver convergência, por isso que eu digo que tem que ser poucos itens, não pode ser uma reforma política muito abrangente, eu não tenho dúvida que a gente poderia conseguir. Eu tive uma conversa até antes do vice-presidente Michel assumir esse cargo. Eu sei que ele tem conversado com pessoas de outros partidos e até fora da base e aí depende da responsabilidade dos partidos políticos, não é um projeto do executivo. Isso é um projeto tipicamente do partido político.

Mário Sérgio Conti: Está na discussão um projeto que foi aprovado pela Câmara do senador José Serra dizendo “vamos fazer voto distrital nas metrópoles, nas cidades acima de tal número de habitantes ou de eleitores” dizendo que isso baratearia a campanha. Em São Paulo seriam 60 distritos com 120 mil eleitores, o que o senhor acha disso?

Ministro Jaques Wagner: Eu acho que essa alternativa é boa porque eu digo sempre que na democracia você tem uma estrutura e ela nasce, cresce, amadurece e apodrece. Então o voto no formato que está hoje eu diria que apodreceu, mas a gente também não pode achar que o voto distrital é o sal da terra que vai resolver tudo, as pessoas ficam achando que pelo fato de você ter um distrito de 200, 250 mil eleitores daria uma responsabilidade maior para aquele que foi eleito. Eu não acho que é por aí porque você tem gente que foi eleita num colégio pequeno de estados menores e não necessariamente o seu desempenho é o melhor, mas eu acho que seria um experimento positivo para renovar o método eleitoral brasileiro.

Mário Sérgio Conti: E o que mais poderia ser feito? Que coisa objetiva o senhor levaria agora ao Congresso para discutir?

Ministro Jaques Wagner: Eu sinceramente levaria esses quatro pontos porque se a gente for fazer de muita coisa a gente vai acabar não conseguindo ter consenso para votar. Eu acho que o fim da coligação, redução do custo de campanha, limitação ou extinção da contribuição privada e o fim do comércio do tempo de TV, eu te garanto que em 4 ou 8 anos a gente já dava uma limpada razoável no leque de partidos políticos em atuação. Repara como a gente é contraditório, o sistema é contraditório, não tinha ninguém com mais legitimidade que a Marina Silva para ter o partido político dela porque ela tinha sido testada na urna e tinha tido 20 milhões de votos. No entanto, você tem muita gente que conseguiu vencer a burocracia da regra, ter 500 mil assinaturas, quando vai ser testado na urna não tem a mesma legitimidade e continua às vezes um partido burocrático que não representa um conjunto de ideias ou de pessoas.

Mário Sérgio Conti: Uma última pergunta em relação à crise. Uma das causas do ressentimento, pelo menos em São Paulo se vê muito isso, é com relação ao que foi dito na campanha pela candidata Dilma Rousseff e o que foi feito, uma das frases que ficou é “Eu não vou ser eleita a presidente para desempregar ninguém”. No entanto, esse ajuste que está sendo feito, já está desempregando. Há greves, a questão da terceirização que está no congresso, mas ainda não está definida também causa um estresse muito grande nas centrais sindicais, na esquerda a grosso modo, o que o senhor diria para esse pessoal?

Ministro Jaques Wagner: Primeiro, eu acho que o tempo dela é de 4 anos e a gente está completando 4 meses. Então, eu acho que ainda é muito cedo para alguém dizer que ela não está cumprindo o que falou. Eu me lembro quando a gente começou no governo do presidente Lula em 2003 e nos dois primeiros anos a gente não teve liberdade para aumento de salário mínimo real, uma série de coisas desse tipo, até que a gente ajustasse e pegasse o roteiro de crescimento. Então, eu acho que é um pouco precipitado fazer uma condenação porque você ainda não enxerga, por exemplo, no final do ano eu não tenho dúvida de que a gente já estará em uma condição melhor da economia. Esse mês mesmo de março o CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) do Ministério do Trabalho já mostrou uma pequena recuperação do nível de emprego, pequena, mas já é uma sinalização. E o que eu acho que aconteceu é que as coisas foram mal apresentadas, isso eu reconheço. Uma coisa é o ajuste, a necessidade de reduzir gastos, seja de custeio ou de investimento, outra coisa na área social que muita gente considera que é tirar direitos, mas na verdade é ajustar direitos, o seguro desemprego foi criado em uma época em que você tinha taxas de desemprego elevadíssima. Hoje você tem taxas de desemprego compatível com a de países bastante desenvolvidos. Então manter a mesma regra, eu acho que não tem nada a ver. A questão do FIES eu acho que poderia ter sido melhor explicada. Todo mundo que estava lá evidentemente que está garantida a sua matrícula, mas quando a gente percebeu que havia um crescimento exponencial sem um critério mais rígido o que está se falando é o seguinte “a partir de agora a gente vai ter um critério de nota mínima de classificação da própria universidade”. Então o Bolsa Família no ano eleitoral se retirou do cadastro, acho que 1 milhão e 500 mil famílias. Então isso pode provocar também economia de dinheiro e portanto ajuda no ajuste, mas são duas vertentes, uma coisa é o ajuste propriamente dito, esse que está sendo comandado pela equipe econômica, o Levy, o Nelson Barbosa, a presidente evidentemente e a outra é a área social que a gente achou que caiu no descontrole e portanto está fazendo um ajuste. Eu não acho que ela vá tirar nenhum direito. A terceirização que está sendo votada agora eu acho que há uma confusão. A terceirização é bem vista quando vai contribuir para a produtividade, você vai trazer alguém especializado numa determinada área que vai melhorar o desempenho de uma determinada empresa, mas quando é uma mera contratação de mão de obra para a empresa mãe não contratar, eu conheço muita empresa grande que enveredou pela terceirização e depois recuou porque o funcionário da empresa mãe tem um grau de fidelidade que o terceirizado não tem.

Mário Sérgio Conti: Voltamos ao programa Diálogos, hoje com o Ministro da Defesa Jaques Wagner, cuida das Forças Armadas, como estão as casernas em relação a esses apelos para que eles voltem ao poder, para que venha uma ditadura?

Ministro Jaques Wagner: Olha, esse ano nós estamos completando 30 anos de democracia ininterrupta e eu creio que houve um amadurecimento profundo dentro das novas gerações das forças, dos novos comandantes e eu digo para você que isso passa distante. É claro que sempre vai existir alguém que fale “temos que retornar ao poder”, alguns talvez que viveram aquela época, mas eu sinto muita tranquilidade. Eles estão preocupados em profissionalizar, em inovar, trazer tecnologia, como a gente está fazendo com os investimentos principais da defesa. Eu faço reunião mensal com os comandantes das Forças e com o general De Nardi que é o chefe do Estado Maior Conjunto das Forças Armadas e eu digo a você que eu até brinco com eles que eles sabem que o partido político das Forças Armadas chama-se Constituição Brasileira.

Mário Sérgio Conti: Então não tem eco?

Ministro Jaques Wagner: Olha, eu sinceramente não sinto eco nenhum. Pode até ter um remanescente de 2% ou 3%, mas no grosso das Forças, a própria concepção nova que foi feita ainda no governo Fernando Henrique, nós estamos indo para a concepção moderna, quer dizer, as Forças Armadas profissionalizadas, bem equipadas para proteger já que a gente não é um país que vive de ameaça, mas para garantir que não haja nenhuma ameaça, nós estamos em um país muito rico em recursos naturais que cada vez está mais escasso e ele sabe que o poder civil é que determina. Eu tenho convivido muito bem, o Ministro Celso Amorim fez isso, Nelson Jobim, Waldir Pires também, então eu considero que esse fantasma está passando muito longe.

Mário Sérgio Conti: Agora o senhor falou em investimentos, modernização, tecnologia nas Forças Armadas, agora vai restringir isso? Os caças suecos vão vir ou não? Está dando para investir? Vai dar para continuar a investir?

Ministro Jaques Wagner: Então, a minha área toda de orçamento está discutindo muito com a Fazenda e o Planejamento. Nós não estamos fora do governo e, portanto, vamos ter que ser solidário ao esforço do governo na questão do ajuste, mas todo mundo sabe que para montar uma indústria de defesa que se levantou nos últimos 10, 12 anos, leva 10 anos, para desmontar é da noite para o dia porque é muita gente qualificada, é muito investimento de pessoal, é muito investimento em tecnologia. Por exemplo, o projeto dos caças suecos que começam a ser fabricados lá. Nós estamos mandando para lá 250 engenheiros, ou seja, depois esse pessoal vai voltar e nós estamos aportando tecnologia para cá.

Mário Sérgio Conti: Das Forças Armadas ou civil também?

Ministro Jaques Wagner: Vai Civil também, mas a maioria é gente formada no ITA que é uma escola de excelência. Evidente que muita gente é engenheiro da própria aeronáutica, mas vão civis também e esse pessoal vai absorver essa tecnologia e, graças a Deus, hoje a gente já tem uma base de indústria de defesa bastante razoável. Os investimentos saíram de 2000, 2001 da ordem de R\$ 890 milhões e hoje a gente está na casa de R\$ 8 bilhões e meio. Vai ter restrição? Vai, mas o que a gente pode fazer? Colocar a cronologia dele mais dilatada, mas não vamos descontinuar nenhum dos programas, como por exemplo, o submarino de proporção nuclear, o FX, o lançamento do satélite junto com o Ministério das Comunicações que é fundamental para a gente ter o domínio das informações que circulam pelo Brasil e os projetos que estão a cargo do exército também que é guerra cibernética, o sistema de proteção das fronteiras, eu não tenho dúvida em dizer que isso vai muito para a indústria comum do Brasil também.

Mário Sérgio Conti: O senhor falou ai das fronteiras. É um problema que falam que entrariam as drogas que viriam para os grandes centros, São Paulo, Rio. Há alguma coisa que o senhor possa ser feito? Porque é fronteira que não acaba mais e não há Forças Armadas que dê conta, como é que se faz?

Ministro Jaques Wagner: Aí para mim é só com tecnologia, por exemplo, nós temos os veículos não tripulados que a gente já tem no Brasil e estamos querendo incorporar mais. São aqueles veículos que vão perseguindo alguém sem está arriscando nenhuma pessoa e isso você trabalha em conjugação com a Polícia Federal. Portanto, pode ajudar nesse tema também. É obvio que essa tarefa de combate ao narcotráfico é mais diretamente ligada ao Ministério da Justiça e Polícia Federal, mas eu sou o responsável pelas fronteiras, pela soberania nacional. Então eu não vou fazer seleção “eu só tomo conta disso ou daquilo”. Na medida em que você faz controle do espaço aéreo, o SisFron como eu lhe falei é um sistema todo de comunicação moderna em que você vai ter informação e controle também do espaço aéreo e eu creio que a gente pode melhorar. Eu concordo com você, se você não cuidar da entrada da cocaína via fronteira, depois que ela está aqui dentro, vira um formigueiro e é muito mais difícil para cada estado fazer a sua parte.

Mário Sérgio Conti: E a Força Nacional? Que papel o senhor vê nela? Em coisas como em Santa Catarina que houve agora esse tornado, ela só entra nisso ou ela vai entrar na olimpíada?

Ministro Jaques Wagner: A Força Nacional na verdade a ideia dela é uma força controlada pelo Ministério da Justiça que congrega membros das policias militares dos vários estados e quando você tem uma falência de algum sistema mais voltado para a área de segurança há uma requisição da Força Nacional. Por exemplo, em 2012 eu tive uma greve de 12 dias da polícia militar baiana. Foi uma greve duríssima que a gente teve que enfrentar e felizmente acabou tudo com menor prejuízo possível e a gente tanto levou a força nacional de segurança como também aplicou o dispositivo constitucional da Garantia da Lei e da Ordem, que ai quem vem são as próprias Forças Armadas porque eu dependia de um contingente maior. Agora a Força Nacional é um sistema que a gente tem que incorporar mais gente para poder fazer frente a eventos como esse, no caso de Santa Catarina está muito mais vinculado a defesa civil do que a segurança. Então, o Exército entrou porque nós temos muita capilaridade. O Exército hoje tem 200 mil homens e mulheres trabalhando de soldado a general, general tem até muito pouco são 370 de 2, de 3 e de 4 estrelas, são 45, 46 oficiais e o grosso é realmente soldado, cabo e sargento, então como a gente tem muita capilaridade e felizmente as Forças Armadas tem muita credibilidade da população, as pessoas sabem da honestidade, sabem do bom serviço que eles fazem na área de engenharia e na área de socorro, não é a função primaria das forças, mas evidentemente em tempos de paz a gente tem feito isso, como na Amazônia eu fui presenciar vários programas de assistência social da Marinha, do Exército e mesmo da Aeronáutica que vão fazer atendimento médico. É incrível, mas tem lugar que a única presença do estado brasileiro é a presença do Exército, das Forças Armadas.

Mário Sérgio Conti: Uma recomendação da comissão da verdade foi que mudassem os currículos dos colégios militares onde se tinha ainda como dogma que aquilo em 64 foi uma revolução contra o comunismo, isso vai andar?

Ministro Jaques Wagner: Vai andar. Na verdade, o guarda-chuva que presenciou aquele momento de 64 foi o guarda-chuva da guerra fria e da dicotomia. Era um risco no chão e quem está aqui é vermelho e quem está ali do outro lado é azul e as pessoas viam um monstro dos dois lados em todos os lugares.

Mário Sérgio Conti: Aí 50 anos depois...

Ministro Jaques Wagner: Não tem mais porque estar com esse fantasma guardado.

Mário Sérgio Conti: Acabou o comunismo...

Ministro Jaques Wagner: Hoje não tem ninguém pregando a tomada de poder pela força. Você acabou de presenciar na cúpula das Américas o presidente Obama cumprimentando o presidente Raul. Eu comentei isso com os militares, quem estava no foco da briga está dando as mãos e nós vamos ficar ainda com um grilo na cabeça? Então eu acho que tem que virar essa página e evidentemente têm várias orientações da comissão da verdade, algumas até que já aconteciam, por exemplo, dentro das instituições militares o 31 de março não é mais comemorado, o clube militar é entidade da sociedade civil e eles fazem, mas no nosso caso o próprio currículo tem que ser atualizado. O esforço que nós estamos fazendo na Escola Superior de Guerra que, em minha opinião, nós deveríamos mudar para escola superior de defesa, porque o nome guerra é um nome de quem só pensava em guerra. Hoje a gente fala em defesa para evitar a guerra. Então isso a gente está fazendo. Nós criamos o instituto Pandiá Calógeras dentro do Ministério da Defesa que é todo um corpo civil de gente de universidade que pensa estratégia e acabamos sendo premiados. Sexta-feira da semana passada foi aberta e constituída a Escola Sul Americana de Defesa e o primeiro reitor é exatamente um brasileiro que é o atual presidente desse instituto Pandiá. Então essa troca com outros países do mundo, eu acho que a gente está afastando qualquer tentativa de ficar recrudescendo, como você disse são 50 anos depois. As pessoas tem que saber contar essa história mostrando que teve crime de estado, que teve gente que pegou em arma para defender o que acreditava, mas ali era o tempo em que o muro de Berlim ainda estava em pé e ainda não tinha tido a crise do muro de Manhattan ou de Wall Street que eu digo. Então aqueles meus dois medos do estado absoluto e do mercado absoluto já não responde mais a realidade atual. Então eu creio que temos que atualizar.

Mário Sérgio Conti: Duas perguntas rápidas, o que é isso na sua lapela? Não é de ministro?

Ministro Jaques Wagner: Não, é que apesar do Ministério da Defesa ser civil esse símbolo aqui é a bandeira que representa o ministro da defesa, não o ministro Jaques Wagner, mas o ministro da defesa. É uma tradição nas instituições militares que cada comandante tenha uma bandeira que o representa, e no caso do Ministério da Defesa, esse botton significa o botton do Ministro da Defesa.

Mário Sérgio Conti: A última pergunta. O senhor veio dar essa entrevista em avião de carreira. É produto dessa nova orientação da presidente que não pode mais usar jato do executivo?

Ministro Jaques Wagner: Não. Nesse caso até poderia porque a proibição que foi feita no decreto é para o retorno a moradia. Por exemplo, eu vou todo final de semana para Salvador porque a família está lá e volto domingo ou segunda feira pela manhã. Para mim não foi novidade porque eu já vinha praticando isso. Nós estamos em tempos de aperto e eu acho que a gente tem que dar o exemplo, uma passagem de Brasília para Salvador pode custar R\$ 1.500 e um voo Brasília Salvador em um jato da FAB pode custar aos cofres públicos R\$ 65, R\$ 68 mil. Se tiver necessidade de trabalho tem que ter disposição para atender a autoridade, mas se você está voltando para casa eu acho até que de vez em quando passar no aeroporto é bom para ouvir ou um elogio ou uma critica, ou uma pergunta. Então eu acho que o que ela fez foi porque nós estamos pedindo para todo mundo apertar os cintos, então essa é uma economia bastante razoável.

Mário Sérgio Conti: Está certo. Muito obrigado, ministro.

Ministro Jaques Wagner: Obrigado, você, Mário, pelo convite!

Mário Sérgio Conti: Minhas recomendações a Fátima quando o senhor encontra-la...

Ministro Jaques Wagner: E pode fazer um *bye bye* para mamãe que está lá me assistindo? Paulina, de 91 anos e está lá, provavelmente.

Mário Sérgio Conti: A mãe do ministro tem 91 anos. Mora no Rio, né?

Ministro Jaques Wagner: Mora no Rio

Mário Sérgio Conti: Então, Dona Paulina, muito obrigada pela assistência, viu aqui se seu filho se saiu bem ou não. Muito obrigado a todos pela audiência. Voltamos na próxima quinta-feira, às 23h, sempre ao vivo aqui na Globonews. Até lá!